



BORGES, J. A.

Obra: A Ciranda das Mulheres Sábias. Ser Jovem Enquanto Velha, Velha Enquanto Jovem. Autora: Clarissa Pinkola Estés. Tradução: Waldéa Barcellos. RJ: Rocco, 2007.

| Resenha

**OBRA: A CIRANDA DAS MULHERES SÁBIAS. SER JOVEM ENQUANTO VELHA, VELHA ENQUANTO JOVEM. AUTORA: CLARISSA PINKOLA ESTÉS. TRADUÇÃO: WALDÉA BARCELLOS. RJ: ROCCO, 2007.**

**Joyce de Almeida BORGES**

joycealboug@gmail.com

Doutora em Educação;

Professora da Universidade Estadual de Goiás – Cidade de Goiás.

<http://lattes.cnpq.br/3966583582636488>

Paralelar os contos de princesas, os relatos antigos, as histórias de parábolas estabelecendo relações com nós mulheres, é de fato, uma bela maneira de construir lições e reflexões as quais nos possibilitam repensar as nossas vidas, as nossas perspectivas e as nossas visões de mundo. Autoras com esta<sup>1</sup>, nesta obra têm a perspicácia de não somente por ser uma mulher sábia, mas, porque desnudam fatos que são capazes de renovar a construção de inúmeras cirandas de mulheres.

Tive o contato com Clarissa Pinkola, em 2018, a partir da obra “As mulheres que correm com os lobos”. Vivia eu, em um momento de recém-separação de um relacionamento de 13 anos. Uma amiga colombiana<sup>2</sup>, me indicou a obra, por coincidência ou não de uma autora, também latina, de origem mexicana. Esta amiga, passou uma temporada no Brasil, me deu aulas de espanhol, e realizou suas formações acadêmicas. Ela morou na Cidade de Goiás, e neste período, desenvolveu uma ciranda de mulheres a qual tivemos a oportunidade de realizar alguns encontros para fortalecer uma irmandade que necessitava conversar, fortalecer vínculos, trocar experiências e ampararmos umas nas outras em reuniões as quais somente nós sabíamos das pautas e de nossas inquietações.

As nossas pautas não se tratavam apenas dos “homens”, óbvio que para relatarmos nossas histórias e evidenciarmos o machismo constante e presente em nossas narrativas eles estavam sempre lá. Havia um cenário nebuloso de amigas que passavam por relacionamentos abusivos coincidentemente ou não, em relação a homens capoeiristas.

---

1 Clarissa Pinkola Estés é psicóloga junguiana (Carl Jung) e poeta. Nascida em 27 de janeiro de 1945. Foi adotada por húngaros, trabalhou com traumas de guerras. Recebeu diferentes prêmios por contribuição a psicologia, a literatura e a sabedoria feminina.

2 Glória P. Piedrahita Sarmiento atua na área de Comunicação.

Em uma cidade pequena, as possibilidades de relacionamentos eram bem restrita, e os casos de amigas que acabavam passando por processos semelhantes com rapazes diferentes, era comum. Naquela época, as leituras afrocentradas já iniciava um processo de popularização, mas não tanto quanto hoje, não éramos leitoras não tão assíduas das principais autoras feministas, mas tínhamos umas noções iniciais



BORGES, J. A.

Obra: A Ciranda das Mulheres Sábias. Ser Jovem Enquanto Velha, Velha Enquanto Jovem. Autora: Clarissa Pinkola Estés. Tradução: Waldéa Barcellos. RJ: Rocco, 2007.

| Resenha

básicas, das obras de Simone Bevoir, por exemplo.

As autoras negras começavam a aparecer nas prateleiras da literatura brasileira, embora Ângela Davis e Bell Hooks, já eram reconhecidas e renomadas. Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro entre outras que fomos conhecendo aos poucos. Mas de fato, a principal obra que realmente nos propusemos a ler foi “as mulheres que correm com os lobos”, por fora, fazíamos trocas de livros, empréstimos, indicações para que complementássemos nossas bagagens de leituras.

O capítulo 02, de “mulheres que correm com os lobos”, o conto do “barba azul”, foi o primeiro que lemos e discutimos e sobre ele pensamos várias questões. Só um adendo: antes de iniciar a leitura deste conto, me recordei de uma novela brasileira dos anos 1990, cujo ator Marcos Frota interpretava o personagem Tonho da lua”. A história concentrava-se nas peripécias da vilã “Raquel” e da irmã boazinha “Rutinha”. Contudo havia um fato, pouco comentado neste enredo, que era o assédio do padrasto "Donato" (Paulo Goulart) em relação a irmã (Glorinha<sup>3</sup>) do Tonho da Lua, e este personagem o apelidou de "barba azul". Esse cenário de assédio sempre foi marcante no meu imaginário, por também viver fases de transformação do corpo, a adolescência e ainda conviver com narrativas de amigas que sofreram algum tipo de abuso, por estas razões, essa novela esteve presente em meus pensamentos durante a leitura deste conto, nesta relação do título do conto com a história da novela.

Já no livro, é interessante pensar que, o “barba azul” matava suas esposas e escondia os ossos no porão. Bem como, iludiu a irmã mais jovem das moças que cortejou, era capaz de dissimular sua barbaridade se passando por bom. Com o grande aumento de feminicídio no Brasil, temos os dados alarmantes, de 1470<sup>1</sup> mulheres assassinadas em 2025. Diante de tal contexto, o que o conto do Barba azul têm a nos ensinar? O que a nossa sociedade e a nossa juventude têm a aprender com esta narrativa? Quantos "barbas azuis" assassinam suas esposas fisicamente, brutalmente. Ou vão matando aos poucos o brilho, a liberdade, a vontade de viver de muitas mulheres pelo fato de impor violências simbólicas, psicológicas, patrimoniais, etc.

Meus escritos são bem autobiográficos. O tom narrativo é de pouca complexidade. No entanto, considero importante, narrar parte de minha trajetória enquanto mulher para enriquecer a análise deste livro. Fui criada em uma periferia urbana, mais precisamente em Aparecida de Goiânia, ao final dos anos 1990 e início dos anos 2000, sob um contexto em que os pais saíam cedo para trabalhar e nós tínhamos que se virar em casa "sozinhos". Basicamente, não tínhamos escolas integrais, a rua, a vizinhança, a televisão era nossas escolas. Não tínhamos celular. Nossas brincadeiras era nós que inventávamos, havia uma ideia um pouco mais coletiva, porém já com medo do que os "de fora"

---

<sup>1</sup> Fonte: Site G1-Dados da Rede Globo. (2025)



BORGES, J. A.

Obra: A Ciranda das Mulheres Sábias. Ser Jovem Enquanto Velha, Velha Enquanto Jovem. Autora: Clarissa Pinkola Estés. Tradução: Waldéa Barcellos. RJ: Rocco, 2007.

| Resenha

poderiam representar. Não tive irmã "mulher", então do meu convívio feminino, tive muitas primas e tias, minha avó tinha 5 irmãs, minha mãe, 3 irmãs. Meu pai teve duas irmãs. E minha avô materna não a conheci, faleceu dormindo, teve 8 filhos, 6 sobreviveram, aos quais meu avô, um bahiano arretado, criou-os, sem nunca ter arrumado outra esposa. Os criou com a ajuda da filha mais velha, "Maria do Socorro", que de fato, socorreu todos os irmãos.

Mesmo oriunda de uma família de pouco estudo, o hábito de percorrer e perambular nos sebos de livros usados em Goiânia se faz parte da minha trajetória. Nas férias de dezembro de 2025, tive a surpresa de ter em minhas mãos a obra "A ciranda das mulheres sábias." Em sua capa, aparece o desenho de 4 mulheres idosas olhando para frente, com o rosto um pouco inclinado, um casal dançando, o que me parece ser uma valsa, e a imagem de um cavalo, a qual a autora relata ser um animal que está sempre presente na rotina das mulheres selvagens.

Nesta obra, me reporta a admirável frase a qual as mulheres foram excessivamente domesticadas. Essa afirmação pode nos fazer refletir sobre inúmeras questões. Nós mulheres que fomos criadas, na maioria das vezes com uma certa "pré-disposição" a realizar as atividades domésticas. Que lavamos os sapatos dos irmãos, carregamos os pratos e os lavamos, como se esta função fosse exclusivamente nossa. Temos que proteger as mais jovens e ensinar desde cedo que estas funções podem ser distribuídas entre todos, sem o menor problema. Como se o processo de cuidar coubesse apenas a nós. A mulherada.

A autora também compara as florestas antigas, as árvores frondosas com as mulheres sábias. O que isso nos revela? Quanto mais tempo vivido, não somente a experiência cresce, mas nossa forma de viver pode se tornar mais profunda, mais certa, mais capaz de exercer fascínio pela forma como lidamos com todos, os ensinamentos, as trocas, os refazer de tudo, que a cada refeição pode se tornar-se melhor. As samambaias antigas, os pés de jacarandá, os pequizeiros, os baobás em formatos imensos, imaginem só o que eles representam para nós... Assim, também são nossas matriarcas. Nossas mãezinhas. Nossas avós, bisas... Uma expressividade inigualável.

---

3 Interpretada pela atriz Gabriela Alves.



BORGES, J. A.

Obra: A Ciranda das Mulheres Sábias. Ser Jovem Enquanto Velha, Velha Enquanto Jovem.  
Autora: Clarissa Pinkola Estés. Tradução: Waldéa Barcellos. RJ: Rocco, 2007.

| Resenha

Quando comparamos os gestos das mais jovens, os traços dos rostos com as mais velhas, os formatos das mãos, dos dedos, as semelhanças e as diferenças, este mosaico representa um arsenal de força e revitalização de mulheres ancestrais misturadas a mulheres contemporâneas que são capazes de cuidar do mundo, de aldeias, dos povoados, das periferias, das vilas, dos condomínios, das florestas, de ilhas. Olho para isso e me pergunto: Como não podemos enxergar a lindeza dessa expressividade humana? Como podemos ignorar esta força milenar?

As mãos de minha vó, lembro da pele fina. As mãos gélidas e trêmulas. Emitia uma fragilidade visivelmente escancarada. Mas por trás daquelas saínhas de pano em algodão escondia uma força que muitas de nós desconheciam e que nem imaginávamos. Uma vida aos nossos olhos de hoje "mulheres ditas modernas da cidade", aparentemente sofrida, criar uma família numerosa e viver uma vida inteira na mesma cidade, sem viagens, sem aventuras, sem luxo algum. Mas para ela havia todo um sentido. Um simbolismo. Se vó Amália fosse arrancada de suas raízes tudo em sua volta nada mais teria cor, brilho ou sabor. No entanto, que meses após se mudar do local em que ela sempre viveu. Faleceu.

Das férias o sabor de sua casa, o velho e bom doce de manga, as petas de domingo, as rezas em torno do presépio... Os ensinamentos. Aquela humildade de que poucos vivenciam, não apenas por não ter posses, mas no trato com as pessoas, nos gestos, no sorriso, no jeito de acolher os de fora, os de longe. As conversas no quarto dela, sentadas na cama, antes de dormir. Minha avó colocava várias cobertas em cima da cama com medo da gente passar frio! Onde encontrarei essa riqueza novamente? Lembranças. Recordações que valem mais que qualquer coisa.

Este relato pessoal valioso sobre minha avó se aproxima da parte do livro de Clarissa quando a autora descreve o tipo "abuelita", a grande avó. Um trecho que considero um dos mais belos da obra:

Existe também o tipo de abuelita, grande avó, que se caracteriza não só por sua perspicácia mas por seu profundo amor. Nos mitos, como a *curandera*, que mora em algum lugar muito afastado, ela é a avó querida e prezada que produziu o pão do amor. Quando ela serve, esse pão transforma para o bem quem quer que o coma. É comum que ela tenha desenvolvido a "imposição de mãos" de uma forma que transforma com seu amor as pessoas que ela toca. E então, do corpo dessas pessoas, a ansiedade, a dor, a *envidia*, inveja, o ódio e os medos simplesmente desaparecem.

Ainda nesta obra, destaco a última parte do título do livro, como questão pra reflexão: "Ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem". As cicatrizes da vida nos ensinam, que a vida não amolece pra ninguém. E que com o tempo não conseguimos ter as mesmas atitudes de anos atrás, as quedas, os desamores, os desafetos, as intuições, os caminhos construídos, as reconstruções nos fazem perceber que o mundo de fato não é um parque de diversões. Mas por outro lado, com toda esta bagagem isso não nos isenta de cometer tropeços, vacilos e repetir ciclos. Aprendemos a desviar de



BORGES, J. A.

Obra: A Ciranda das Mulheres Sábias. Ser Jovem Enquanto Velha, Velha Enquanto Jovem. Autora: Clarissa Pinkola Estés. Tradução: Waldéa Barcellos. RJ: Rocco, 2007.

| Resenha

certos espinhos que já nos machucam, nos livramos de certas coisas com mais facilidade, entramos e saímos de certas situações e espaços com mais agilidade. E de fato, quando estamos na "flor da idade", temos dificuldades de discernir o melhor, mas sob a tutela de muitas mulheres sábias, com os dizeres delas, sob a sua guarda e proteção que também vamos direcionando nossa história.

Sendo assim, este livro trata-se de uma homenagem rara a todas as mulheres. E nesta perspectiva apresento mais um trecho dos meus favoritos, pra já quebrar o protocolo e o padrão acadêmico das resenhas:

Por todas as mulheres mais velhas matreiras que estão aprendendo quando chegou a hora certa de dizer o que precisa ser dito e não se calar - ou cala-se quando o silêncio for mais eloquente que as palavras. Por todas as velhas em formação, que estão aprendendo a ser gentis quando seria tão fácil ser cruel... que conseguem ver que podem cortar quando for necessário, com um corte afiado e limpo... [...] Por todas as que rejeitam as convenções e preferem apertar as mãos de desconhecidos, cumprimentando-os como se os tivessem criado desde sempre... por todas as que estão aprendendo a chocalhar os ossos, balançar o barco - e a cama -, além de acalmar as tempestades... por aquelas que são as guardiãs do azeite para a lâmpada, que se mantêm em silêncio co cultu diário... por aquelas que compre os rituais, que se lembram de como fazer fogo a partir da simples pedemeira e paina... por aquelas que dizem as antigas orações, que se lembram dos símbolos, das formas, das palavras, das canções, das danças e do que no passado os ritos tinhamo objetivo de instaurar... por aquelas que abençoamos outros com facilidade e frequência... por aquelas mais velhas que não têm medo - ou que têm medo - e que agem com eficácia de qualquer modo... (ESTÉS, 2007, p. 93 e 94)

Ao escrever esta resenha, me recordei de um antigo provérbio popular, de que para se tornar sábio, primeiramente precisamos ser ignorantes. Ou seja, para sairmos da condição de ignorância em direção a chamada sabedoria precisamos desvencilhar de certas formas de pensar, repensar padrões, atitudes, e não seremos sábios em todos os momentos da vida. E nem todo ignorante, também não possui algum tipo de sabedoria. Nossa vida é um eterno aprendizado, que seja para homens e mulheres só evoluiremos se não tivermos medo de tentar e de errar bastante. Alguns erram mais que outros, uns aprendem mais com os próprios erros, outros menos.

Recordo aqui as artistas brasileiras que enfrentaram diferentes formas de repressão do pensamento, durante a década de 1980, Rita Lee, Gal Costa, Roberta Miranda, Maria Bethânia, entre tantas outras que abriram espaço para que nós mulheres pudessem se libertar do espaço doméstico e acessassem outros espaços. Dito isso, eu não poderia deixar de finalizar estes escritos, ressaltando a importância da sabedoria ancestral feminina. Nossos saberes são de fato a essência da vida. Nós que cuidamos, ensinamos, explicamos ao nosso modo tantas coisas e produzimos nossa forma de vestir, viver, se alimentar e produzimos nossa história e nossos conhecimentos milenares.



BORGES, J. A.

Obra: A Ciranda das Mulheres Sábias. Ser Jovem Enquanto Velha, Velha Enquanto Jovem.  
Autora: Clarissa Pinkola Estés. Tradução: Waldéa Barcellos. Rj: Rocco, 2007.

| Resenha

De como corpos são curados, alimentados, fortalecidos a partir de conhecimentos antes descartados e desprezados e que hoje já reconhecidos como essenciais para nossa humanidade. E fecho este parágrafo com uma das frases de Rosa Luxemburgo: "Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres".

Reporto-me a este período por ter sido a década em que nasci, um período de abertura política, talvez por isso eu tenha herdado esta “mania” ou necessidade mesmo de escrever, de querer me posicionar, mesmo com tantas dificuldades, foi só a partir dos 30 anos de idade que fui aprendendo qual era o lugar que eu gostaria de pertencer neste mundo. A escrita sempre fez parte do meu cotidiano. Sempre me senti mais a vontade escrevendo, do que falando. Talvez hoje mais velha, é que tenho aprendido a como falar, me expressar, esse aprendizado demorou.

Venho desta geração, ora rockeira, ora bastante MPB, fomos taxada de drogados, inconsequentes, meio louca e *very* intensa. Atravessei as danças do axé nos anos de 1990, o processo inicial do *funk* no Brasil, a ascensão do "feminejo", de Marília Mendonça, Mayara e Maraísa, e ainda observei a carreira de cantoras negras que ganharam espaço no cenário nacional como Anita, Ludmila e Iza. Sou fruto disso tudo e mais um pouco. Considero a arte, a música, a dança como elementos formativos do ser humano assim como a própria educação formal. Na academia vivenciei a Geografia. Perambulei em escolas públicas por 5 anos. E hoje leciono na Universidade Estadual de Goiás nos Cursos de Turismo e demais cursos de Licenciatura. Um lugar que pode parecer pouco para alguns, mas diante de minhas origens, um lugar que parecia distante diante de minha realidade. Neste processo consigo ver, participar, contribuir e recriar inúmeras cirandas de mulheres.

Jovens. Mães solas. Estudantes idosas. Todas com suas dificuldades particulares e similaridades. Oriundas do campo e da cidade. Do interior deste Goiás profundo, que por meio da sala de aula buscam se reinventar, se libertar, se recriar e dar novos sentidos às suas trajetórias. Agradeço as inúmeras professoras que passaram também pela minha história, me auxiliaram na construção de meus saberes formais, e mais do que isso foram fonte de exemplo e inspiração para que eu pudesse olhar para tudo a minha volta com novas lentes. As inúmeras colegas de trabalho que sempre deixam marcas importantes.

Na roda da capoeira presenciei cenas em que mulheres conquistaram seus espaços com



BORGES, J. A.

Obra: A Ciranda das Mulheres Sábias. Ser Jovem Enquanto Velha, Velha Enquanto Jovem. Autora: Clarissa Pinkola Estés. Tradução: Waldéa Barcellos. Rj: Rocco, 2007.

| Resenha

maestria profunda. Presenciei cenas de machismo e falas que prefiro esquecer. Luto neste espaço, nessa roda da vida pra permanecer e continuar me reconstruindo. Nas rodas de samba, me vi sambadeira. No forró, também me descubro, e me atrevo até no chamado “piseiro”, território que às vezes vamos rotulando sem conhecermos ao certo. E assim, seguimos nesta ciranda da vida, da escrita. Ciranda de homens e mulheres. Venho de uma cidade em que as mulheres *trans* vivem expostas nas ruas, nas madrugadas, sofrem violências, em tantos relatos que não caberia aqui neste momento. Que a ciranda da vida seja cada vez menos dura para todas. Que consigamos ter nossos direitos válidos e respeitados. E que saibamos respeitar e valorizar quem somos, sem precisar termos que a todo momento alertar acerca do que de fato necessitamos e que deveria ser algo básico e já conquistado tempos atrás.

*Submissão: 19 de jan de 2026*

*Avaliações concluídas: 05 de fev de 2026*

*Aprovação: 06 de fev de 2026*

## COMO CITAR ESTA RESENHA?

BORGES, Joyce de Almeida. Obra: A Ciranda das Mulheres Sábias. Ser Jovem Enquanto Velha, Velha Enquanto Jovem. Autora: Clarissa Pinkola Estés. Tradução: Waldéa Barcellos. Rj: Rocco, 2007. Revista *Temporis(ação)*: periódico acadêmico de conexões multidisciplinares em Educação e Ensino da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 26, N. 01, p. 01-11, jan./jun., 2026. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>

Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >